

Editorial

Este número da Revista foi organizado, pela primeira vez, em modo remoto, o que colocou todas as pessoas envolvidas nos encaminhamentos internos em um intenso trabalho de adaptação a reuniões virtuais e ajustes técnicos. Agradecemos publicamente a todos e todas que viabilizaram a feitura artesanal deste exemplar que agora chega a público para circular conhecimentos entre nossos pares. Sabemos do empenho redobrado e dedicação de todas e de cada uma das pessoas desta equipe. Juntos/as, aprendemos outros jeitos de construir uma Revista.

O número anterior expressava nossa perplexidade diante das recentes transformações sociais que enfrentamos a partir da instalação da pandemia; naquela ocasião referia-me aos dois movimentos pandêmicos que sofríamos no Brasil, aquele provocado pela crise climática e este, pelos rumos desgovernados que também nos afetavam e ainda afetam diretamente.

Desde março acompanhamos as mudanças, adaptações e transformações sofridas nos cotidianos pessoais e educacionais pelos quais transitamos. Passamos a estabelecer outros modos de comunicação com estudantes, orientandos e com todos os demais compromissos que envolvem a carreira acadêmica. Acompanhamos de perto as angústias e dificuldades de professores/as e gestores/as que atuam em espaços escolares desde a Educação Infantil ao Ensino Médio. Muitas vezes perplexos, assistimos às decisões nacionais, estaduais e municipais lançarem mão de políticas públicas que favorecem interesses de alguns e retiram direitos de grande parcela da população. Num país de muitos degraus sociais, que opera pela desigualdade, sentimos abalos profundos e constantes que destroem condições de vida humana e de todas as espécies. Atualmente, lamentamos a perda de lideranças dos nossos povos originários, que seguem vulneráveis e sem o adequado amparo social garantido pela Constituição.

A perplexidade e a estupefação nos acompanham. Seis meses depois, neste país devastado por mais de 100 mil mortes, por incontáveis quilômetros de destruição florestal e pelos demais horrores que nos acometem diariamente, buscamos forças para resistir. Nossos pensamentos e ações se juntam para apostar na formação humana como possibilidade de reconstrução de modos de viver mais solidários e integrados. E decidimos esperar, como nas palavras de Paulo Freire, trazendo da ação coletiva nosso ânimo para prosseguir. E é o gesto de esperar que oferecemos

aos leitores e leitoras este número, que reúne múltiplos convites aos bons encontros com a educação.

O dossiê temático **Arte-fatos: tensões e(m) possibilidades entre cultura, pesquisa e educação**, organizado por Elenise Cristina Pires de Andrade e Marco Antonio Leandro Barzano (UEFS), reúne artigos de diferentes universidades brasileiras e uma universidade europeia que fazem da arte, nutrição e potência de pensamentos e ações entre pesquisas, escritas e educações.

Os seis artigos de demanda recebem autores e temas que ora fazem interlocução com a educação aproximando-a da filosofia e trazendo as dimensões ética e estética no conceito de “cultivo de si”; ora das questões socioambientais em pesquisa com biomas vulneráveis como a Amazônia Mato-Grossense; ora na relação da literatura com um cotidiano escolar; ora com os campos da antropologia e da biologia em uma análise fílmica; e nas questões de diversidade cultural e étnica representada pelos quilombolas e pela etnia Terena.

As duas resenhas escritas para esta edição completam as reflexões apresentando dois livros atuais e importantes para a ampliação de olhares sobre a educação. Ailton Krenak no livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), e Jessé Souza, com o livro *A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade* (2018).

Desejamos que sua leitura seja proveitosa e que possamos contribuir com suas pesquisas e produções acadêmicas.

Agosto 2020

Alda Regina Tognini Romaguera 